



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NA PLENÁRIA
DA CONGREGAÇÃO PARA AS IGREJAS ORIENTAIS**

*Sala Clementina
Quinta-feira, 21 de Novembro de 2013*

Estimados irmãos e irmãs

«Cristo é a luz dos povos»: assim começa a Constituição dogmática sobre a Igreja, do Concílio Ecuménico Vaticano ii. Do Oriente ao Ocidente, a Igreja inteira presta este testemunho ao Filho de Deus; aquela Igreja que, como salienta em seguida o mesmo texto conciliar, «se encontra entre todos os povos da terra [...] Pois todos os fiéis espalhados pelo orbe comunicam com os restantes por meio do Espírito Santo» (n. 13). «De maneira que — acrescenta em seguida, citando são João Crisóstomo — “aquele que vive em Roma sabe que os Indianos são seus membros” (*Homilia sobre João* 65, I: PG 59, 361).

A Assembleia memorável do Vaticano II teve também o mérito de recordar explicitamente que nas antigas liturgias das Igrejas Orientais, na sua teologia, espiritualidade e disciplina canónica «resplandece aquela tradição que vem dos Apóstolos através dos Padres e que constitui parte do património divinamente revelado e indiviso da Igreja universal» (Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, 1).

Hoje é-me verdadeiramente grato receber os Patriarcas e os Arcebispos-Mores, juntamente com os Cardeais, os Metropolitas e os Bispos membros da Congregação para as Igrejas Orientais. Agradeço ao Cardeal Leonardo Sandri a saudação que me dirigiu e estou-lhe reconhecido pela colaboração que recebo do Dicastério e de cada um de vós.

Esta Sessão Plenária tenciona voltar a apropriar-se da graça do Concílio Vaticano II e do sucessivo magistério sobre o Oriente cristão. Da averiguação do caminho percorrido surgirão

orientações aptas para sustentar a missão confiada pelo Concílio aos irmãos e irmãs do Oriente, ou seja, a de «promover a unidade entre todos os cristãos, especialmente orientais» (*Ibid.*, n. 24). O Espírito Santo norteou-as nesta tarefa ao longo dos caminhos não fáceis da história, alimentando a sua fidelidade a Cristo, à Igreja universal e ao Sucessor de Pedro, também a caro preço, não raro até com o martírio. A Igreja inteira manifesta-vos a sua gratidão por isto!

Inserindo-me no sulco traçado pelos meus Predecessores, desejo confirmar aqui que «existem legitimamente Igrejas particulares com tradições próprias, sem detrimento do primado da cátedra de Pedro, que preside à assembleia universal da caridade, protege as legítimas diversidades e vigia para que as particularidades ajudem a unidade e de forma alguma a prejudiquem» (*Lumen gentium*, 13). Sim, a variedade autêntica, a variedade legítima, inspirada pelo Espírito, não prejudica a unidade, mas serve-a; o Concílio diz-nos que esta variedade é necessária para a unidade!

Esta manhã fui informado directamente pelos Patriarcas e Arcebispos-Mores sobre a situação das várias Igrejas Orientais: a vitalidade reflorescida daquelas que desde há muito tempo viviam oprimidas sob os regimes comunistas; o dinamismo missionário daquelas que se inspiram na pregação do Apóstolo Tomé; e a perseverança daquelas que vivem no Médio Oriente, não raro na condição de «pequena grei», em ambientes caracterizados por hostilidades, conflitos e também perseguições ocultas.

Na vossa reunião enfrentais várias problemáticas relativas à vida interna das Igrejas Orientais e à dimensão da diáspora, que aumentou notavelmente em todos os continentes. É necessário fazer tudo o que for possível para que os propósitos conciliares encontrem a sua realização, facilitando o cuidado pastoral tanto nos territórios que lhes são próprios, como nos lugares onde as comunidades orientais se estabeleceram desde há tempos, promovendo a comunhão e ao mesmo tempo a fraternidade com as comunidade de rito latino. Para isto poderá ser útil uma vitalidade renovada a imprimir nos organismos de consulta já existentes entre as Igrejas singularmente e com a Santa Sé.

O meu pensamento dirige-se de modo especial à terra abençoada onde Cristo viveu, morreu e ressuscitou. Nela — ouvi-o também hoje da voz dos Patriarcas presentes — a luz da fé não se apagou, aliás, resplandece com vigor. É «a luz do Oriente» que «iluminou a Igreja universal, a partir do momento em que sobre nós apareceu “a luz do alto” (Lc 1, 78), nosso Senhor Jesus Cristo» (Carta Apostólica *Orientalis Lumen*, 1). Por isso, cada católico tem uma dívida de reconhecimento em relação às Igrejas que vivem naquela região. Delas podemos aprender, entre outras coisas, a dificuldade do exercício quotidiano de espírito ecuménico e diálogo inter-religioso. Com efeito, o contexto geográfico, histórico e cultural em que elas vivem, desde há séculos, transformou-as em interlocutoras naturais de numerosas outras confissões cristãs e de diversas religiões.

Uma grande preocupação é causada pelas condições de vida dos cristãos, que em muitas partes do Médio Oriente sofrem de maneira particularmente grave as consequências das tensões e dos conflitos em acto. A Síria, o Iraque, o Egipto e outras áreas da Terra Santa, às vezes derramam lágrimas. O Bispo de Roma não estará em paz enquanto houver homens e mulheres, de qualquer religião, feridos na sua dignidade, desprovidos do necessário para a sobrevivência, privados do futuro, obrigados à condição de prófugos e refugiados. Hoje, juntamente com os Pastores das Igrejas do Oriente, dirigimos um apelo a fim de que seja respeitado o direito de todos a uma vida digna e a professar livremente a própria fé. Não nos resignemos a pensar no Médio Oriente sem os cristãos, que há dois mil anos confessam o nome de Jesus, inseridos plenamente como cidadãos na vida social, cultural e religiosa das nações às quais pertencem.

O sofrimento dos mais pequeninos e dos mais frágeis, com o silêncio das vítimas, levantam uma interrogação insistente: «Quanto falta da noite?» (*Is* 21, 11). Continuemos a vigiar, como a sentinela bíblica, convictos de que o Senhor não nos fará faltar a sua ajuda. Por isso, dirijo-me à Igreja inteira para a exortar à oração, que sabe alcançar do Coração misericordioso de Deus a reconciliação e a paz. A oração desarma a ignorância e gera diálogo onde existe conflito. Se for sincera e perseverante, tornará a nossa voz mansa e firme, capaz de se fazer ouvir também pelos Responsáveis das Nações.

Por fim, dirijo o meu pensamento a Jerusalém, onde todos nós nascemos espiritualmente (cf. *Sl* 87, 4). Desejo-lhe toda a consolação, a fim de que possa ser verdadeiramente profecia daquela convocação definitiva, de Oriente a Ocidente, disposta por Deus (cf. *Is* 43, 5). Os Beatos João XXIII e João Paulo II, pacificadores incansáveis na terra, sejam os nossos intercessores no céu, com a Santíssima Mãe de Deus, que nos ofereceu o Príncipe da Paz. Invoco a Bênção do Senhor sobre cada um de vós e sobre as amadas Igrejas Orientais.